

**NÚMEROS NÃO DÃO BONS POEMAS: um discurso utópico, um espaço de  
amorosidade, uma educação libertária – A experiência do Subprojeto PIBID  
Geografia/UFSM**

**Leonardo Pinto dos Santos**

Graduando em Geografia  
Universidade Federal de Santa Maria – UFSM  
leonardoufsm@hotmail.com

**Gilda Maria Cabral Benaduce**

Doutora em Geografia  
Universidade Federal de Santa Maria – UFSM  
g.benaduce@brturbo.com.br

## **Introdução**

Educação... palavra de mística esta. Concatena em sua essência tamanho fascínio e tamanha admiração pelas possibilidades transformadoras, pelo poder que emana e pelas infelizes mazelas que a cercam e lhe depreciam na tentativa de deixá-la muda e sem respostas em um sistema controlado por empresários tecnófilos que primam por um sistema educacional que prioriza o “ter” e não o “ser”.

Alunos se transfiguram em números, vistos como prejuízos em uma sociedade onde o discurso fatalista permeia nosso cotidiano, o “é impossível” se tornou ponto pacífico para muitos, se tornando cerne de uma política favorecida por tal ideário, que infelizmente transpõe tal pensamento para o campo da educação.

Harvey (2006, p.205) assevera “Se parece impossível alterar essa confusão, é porque simplesmente de fato “não há alternativa”. Trata-se da racionalidade suprema do mercado versus a tola irracionalidade de tudo o que não seja o mercado”.

Enquanto continuarmos acatando este discurso fatalista e considerando nossos educandos como simples números, estaremos fadados a uma educação formatada a vontade do capital, em uma educação perversa onde o educando se constituirá em um sujeito acrítico e sem autonomia.

Charles Kiefer, poeta/escritor gaúcho, já escrevera que “Números não dão bons poemas”.

Quem são os alunos com quem travamos relação na prática escolar cotidiana? A busca por essa resposta trará a reflexão por um processo de ensino-aprendizagem significativo aos

nossos jovens aprendizes, criando um espaço onde de repente educador e educando aprendem, vendo-se e agindo como iguais.

Pensar nas diferenças e no erro como pontos nevrálgicos de uma nova práxis e não como formas excludentes de sujeitos, olhando e respeitando as opiniões e especificidades humanas, este é o caminho que desejamos trilhar como educadores. Morin (2004, p.19) já colocará “Todo conhecimento comporta o risco do erro e da ilusão”.

Educadores estes, sonhadores por natureza, docentes vocacionados a trabalhar com os sentimentos, as incertezas e os anseios de jovens que carecem de uma visão de que a mudança é possível, mesmo em um mundo onde o capital induz a um percurso que afirma que o silêncio e a homogeneidade são coisas benéficas, promovendo um discurso castrador e de reprodução situacional.

Chico Buarque, poeta, compositor e pensador brasileiro, coloca que “As pessoas têm medo das mudanças. Eu tenho medo que as coisas nunca mudem”. O estranho assusta, o comum acomoda, talvez esteja nesse círculo um dos maiores problemas da atualidade, o risco de sair da zona de conforto expurga qualquer ideia de mudar, mesmo que tal transformação se mostre necessária e favorável.

Platão (2006), em seu Mito da Caverna, erige este medo da mudança, onde o homem observa o mundo a partir das sombras, reproduzindo uma cultura arraigada, e se mantendo a margem da sociedade. Assim, o homem acostumado às sombras se condiciona a ver o espaço com os olhos do outro, principalmente de modais midiáticos que legitimam um sistema que preconiza a individualidade e exclui qualquer espírito crítico.

Trevisan (2004, p. 40) corrobora:

Platão expôs na imagem do mito da caverna [...] a perfeita articulação entre dois universos distintos. Tratou de fazer a contraposição entre as imagens empobrecidas, como aparecem no fundo da caverna, e as imagens da luz, ambas situadas numa espécie de sincronia mimética.

A filosofia platônica continua atual, a caverna se transfigurou – virou o capitalismo – e o homem permeia a escuridão se mantendo acrônico, sendo necessário ir em direção à luz – a educação – para que as sombras se dissipe e consigamos contemplar a realidade como ela é, tendo um sujeito com relativa autonomia e acentuado senso crítico.

Cavalcanti (2008, p.86) sobre o processo formativo no século XXI coloca que devemos “formar o indivíduo, seu pensamento autônomo, crítico, que tenha sua subjetividade legitimada, suas múltiplas identidades respeitadas”.

Assim, devemos despertar o espírito crítico que adormece em nossos educandos, caminhando de forma conjunta para um novo patamar, onde o discente se veja como ser atuante no espaço. Para isso, devemos contemplar a Ciência Geográfica que concatena em sua essência o ato de transformar – o olhar sobre o espaço e o modo de intervenção no mesmo – e é nesse espectro que divagaremos no escopo deste artigo.

Sendo conscientes que a transformação social não acontece na escola, mas necessariamente passa por ela. Com isso, o PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência) se torna ideário fortuito por uma constituição de uma educação transformadora, ao concatenar diferentes atores do processo em um mesmo norte, a melhora do processo de ensino-aprendizagem das distintas ciências.

### **O subprojeto PIBID/Geografia da UFSM e os momentos “mastercard” na rede de ensino público**

Ipad...Iphone...I...I...I...o consumismo esta ai, circundando o cotidiano do discente e encharcando-o de tranquearias que lhes imbricam uma mentalidade que a alegria humana esta no “ter”. Aqueles momentos que não tem preço (jargão imortalizado pela publicidade de massa da rede de cartões Mastercard) parecem se dissipar em um mundo onde a amorosidade parece esvanecer sobre a sombra do capital.

Freire (2011) defendeu uma educação libertária, onde o processo formativo prime pelo “ser” e não pelo “ter”, onde aqueles momentos que não tem preço sejam vistos como fundamentais para consolidação de uma humanidade onde o coletivo sobreponha o individual, onde o holismo avance sobre a ideia fragmentaria originaria do ideário positivista, e onde a amorosidade interpenetre como uma luz irradiante sobre as sombras perversas do capital.

Sobre a visão desconjuntada de nossas instituições de ensino frente aos seus educandos, Morin (2004, p.15) coloca que “O ser humano é a um físico, biológico, psíquico, cultural, social, histórico. Esta unicidade complexa da natureza humana é totalmente desintegrada na educação por meio das disciplinas, tendo-se tornado impossível aprender o que significa ser humano”.

A partir deste pensamento, vemos o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência adentrar o cenário nacional como ferramenta de mudança. Elevando os constructos teóricos e práticos daqueles responsáveis pela docência, que ao embrenhar-se em um sítio que oportuniza a busca por melhora na formação inicial dos licenciados e conseqüentemente da educação básica, oportuniza um diálogo horizontalizado entre todos os envolvidos no processo formativo, buscando a unicidade humana e do homem/natureza.

Esquadrinhando-se no Subprojeto práticas pedagógicas que aliam teorias e prática que concebem ao educando uma visão multifacetada do espaço, asseverando aos discentes um olhar diferenciado daquele pensamento anacrônico que permeia a maioria de nossas instituições educacionais.

Neste espectro, acreditamos em um processo de ensino-aprendizagem que ressignifique a escola, a educação e a Geografia escolar, bem como, o diálogo se transfigure como epicentro do processo educativo. Engendrando a ideia divagada por Callai (2011, p.33) quando esta defende “Fazer Geografia como um instrumento de formação e de humanização dos sujeitos na suas vidas”.

Com este ideário é que vamos concretizar nossa prática docente, proporcionando metodologias de ensino que elevam o discente ao cerne do processo de ensino-aprendizagem, sendo respeitadas as distintas racionalidades e os saberes empíricos destes alunos.

Margeamos assim esta discussão, onde objetivamos construir uma ambiência escolar além dos conteúdos, olhar a sala de aula com seres humanos com anseios e sonhos, opiniões e saberes, alunos que são muito mais que meros números a serem avaliados por um sistema que priorizará a individualidade e um espírito de competição que auxiliará o mesmo a se manter com muitos na margem e poucos no leme do comando.

Muito mais que conteúdos, buscamos momentos que o “dinheiro não paga”, aquele sorriso do aluno, aquele momento de diálogo onde aprendemos com o discente, aquela construção de uma pessoa que irradia criatividade. Este é o anseio do nosso subprojeto e da ciência geográfica.

Como Callai (2011, p.15) coloca: “Fazer a educação geográfica requer o esforço de superar o simples ensinar Geografia “passando os conteúdos”, e procurar com que os alunos consigam fazer as suas aprendizagens tornando significativos para as suas vidas estes mesmos conteúdos”.

Vivemos em um constante desafio, a humanidade adentra o século XXI com um pensamento no que menos se tem dedicado em entender, o papel de cada um no mundo contemporâneo, o papel da geografia neste mundo pós-moderno. O que se quer? Para onde se vai? Estas interrogações remetem para o centro das indagações.... - A Questão educacional - Que educação é essa? O que se quer dela? Para onde tem levado? Qual é o grau de inserção nesta dinâmica?

O PIBID Subprojeto/Geografia da Universidade Federal de Santa Maria objetiva auxiliar os educadores e alunos de geografia sobre o "como", "o que", "onde" e "por que" ensinar nessa/esta disciplina. A partir disso, consegue-se observar a fragilidade das propostas para o processo de ensino-aprendizagem no mundo dito pós-moderno, o qual está, especialmente, vinculada ao teórico/metodológico, pouco buscando aí os caminhos para se fazer e ensinar Geografia. Talvez isso não seja um predicado exclusivo da Geografia, mas da ciência em geral.

Dentro deste espectro é que transparece a importância de se entender o papel do ensino da Geografia contemporânea, de forma contextualizada, respeitando e priorizando as especificidades socioculturais e as experiências vividas, colocando as práticas educativas de forma engajada em uma dinâmica mundial, em uma educação que tenha uma racionalidade local-global.

Colocar a ciência Geografia no cerne das discussões é procurar identificar as condições em que esta área do conhecimento pode ser colocada a serviço de uma prática educacional progressista e não conservadora, emancipatória e não subjugada, exigindo limpidez no entendimento da modernidade ocidental.

Compreende-se que o norte que devemos tomar é de propostas para um mundo melhor, para uma educação melhor, para uma geografia comprometida com um mundo melhor, com propostas ousadas, inquietantes e desafiadoras, buscando novas percepções para nossa realidade. Você pode estar perguntando, mas que mundo melhor é esse.... dir-se-ia .....aquele com o qual você sonha ainda viver (SANTOS, 2011).

### **Algumas das práticas pedagógicas...**

Foucault (1989, p. 113) assevera:

No fundo da prática científica existe um discurso que diz: nem tudo é verdadeiro; mas em todo lugar e a todo momento existe uma verdade a ser

dita e a ser vista, uma verdade talvez adormecida, mas que no entanto está somente à espera de nosso olhar para aparecer, à espera de nossa mão para ser desvelada. A nós cabe achar a boa perspectiva, o ângulo correto, os instrumentos necessários, pois de qualquer maneira ela está presente aqui e em todo lugar.

A partir do pensamento foucaultiano nos circunda ainda mais de responsabilidade para com nossos educandos, uma vez que, nossa ciência geográfica possui em sua essência a leitura do espaço, nele descobrindo as verdades efêmeras (já que nenhuma verdade pode ser considerada perene) que se acobertam atrás do imagético que transparece principalmente dos ideais capitalistas presentes em nossa sociedade.

Dentre as práticas pedagógicas postas a prova persiste o trabalho de campo. Este se constitui um valoroso instrumento didático proporcionando ao educando o contato direto com a realidade que o envolve, consentindo a transposição dos conhecimentos teóricos para a prática ao interpretar os cenários vivenciados.

Saber fazer Geografia é transitar pelas diversas paisagens constituintes das espacialidades geográficas. Nesta linha de entendimento empenha-se em aproximar o estudante da rede pública de ensino dos saberes acadêmicos, ao realizar uma visita destes aos espaços de pesquisa da Universidade Federal de Santa Maria.

Assim, os discentes das escolas parceiras do Subprojeto/Geografia tiveram a oportunidade de transpor os saberes teóricos vistos dentro de sala de aula para a prática, permitindo reflexões concernentes às espacialidades geográficas.

Ao visitar o planetário da universidade e seu museu, os educandos acessaram outro olhar sobre os conhecimentos ancestrais dos povos antigos e seus saberes acerca das constelações, podendo observar de forma didática os planetas do sistema solar e suas especificidades quanto tamanho, cor, massa e gravidade.

No LAGEOLAM (Laboratório de Geologia Ambiental) os mesmos estudantes puderam vislumbrar distintos minerais e rochas presentes no acervo do curso de Geografia, além de materiais como estereoscópios e microscópios utilizados pelos graduandos.

Houve ainda uma visita ao laboratório de Biologia onde contemplaram um diálogo sobre animais venenosos e peçonhentos, suas especificidades e semelhanças, podendo observar in loco a coletânea de animais vivos e empalhados presentes na mostra.

Figura 1 - Trabalho de campo escola na academia



Autores: SANTOS e BENADUCE (2013)

Com o pensamento de se trabalhar com algo que seja ao mesmo tempo do cotidiano dos jovens e que mescle entre outras características: humor, criatividade, senso crítico e que seja instigante ao aluno, pensou-se na proposição de utilizarmos os quadrinhos.

Servindo como material didático-pedagógico quando usado de forma adequada, que em conjunto com uma proposta de estudo consistente e bem fundamentada proporciona uma aprendizagem que amplia o discernimento frente a um mundo que a informação se apresenta quase como uma forma de violência e perversidade.

Os quadrinhos tornam-se recursos didático-pedagógicos que motivam a reflexão de diferentes realidades geográficas, com isso, poderemos utilizá-los para abordar diferente temática, colocando o educando como sujeito central no processo de ensino-aprendizagem. Propiciando um material com amplo potencial para mediar diferentes temáticas geográficas.

Dentro da oficina, usaram-se tirinhas da personagem Mafalda do cartunista argentino Quino. Esta apresenta personagens com nomes no mínimo instigantes; Burocracia (para uma tartaruga de estimação) e Liberdade (menina contestadora, metáfora da própria liberdade, um permanente incômodo para todos) em conjuntura com uma base surpreendente de temáticas geográficas e temas transversais que auxiliam o professor na consolidação de um sítio para debate e reflexão.

Valeu-se da tônica da cultura eivada na juventude do século XXI - as tecnologias - para complementar a experiência pedagógica partindo do uso dos computadores para construção de tirinhas a partir do software HagáQue. Este se consolida como um editor de histórias com a participação da Turma da Mônica, servindo como meio facilitador no processo de criação de uma história em quadrinhos, mesmo para aqueles com pouco conhecimento de informática.

Figura 2 – Atividade com quadrinhos



Autores: SANTOS e BENADUCE, (2013)

A “Geopolítica das Cadeiras” se moldou como um instrumento para que o discente perceba as assimetrias que persistem entre os continentes nos âmbitos econômicos e demográficos. Esta atividade se demonstra benéfica por desmistificar a visão de mundo ocidentalizado e eurocêntrica que paira sobre nosso meio, demonstrando que africanos e asiáticos possuem em suas essências os mesmos anseios e dúvidas que o norte-americano e o europeu.

Esta atividade possui como base quatro tabelas que simulam a distribuição demográfica (representada a partir dos alunos) e da riqueza (simulada pelas cadeiras), onde cada indivíduo representará tantos milhões de habitantes e as cadeiras os milhões de dólares que influem na economia de cada continente.



A partir do poderio econômico, cada continente terá determinado tempo para divagar um discurso em uma “plenária da ONU”, o que repercute na reflexão dos discentes que observam que os continentes africano e asiático mesmo comportando grande parcela da população mundial, acabam por agregar pouco tempo de discurso frente à supremacia europeia e americana que domina o tempo disponível de fala.

Figura 3 – “Geopolítica das Cadeiras”



Autores: SANTOS e BENADUCE (2013)

### **Concluindo a conversa, abrindo para o diálogo...**

O pensamento deste relato, além de expor algumas das nossas experiências como bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência quanto subprojeto Geografia/UFSM, é pensar o ensino de Geografia em duas vertentes: a elevação da interação entre educador/educando e que as abordagens geográficas ocasionem reflexões que abarque um espírito crítico e ao mesmo tempo inquietem nossos discentes.

Refletindo sempre como docente, o porquê de tantas informações dentro de um programa de conteúdos programáticos que não levam ao exercício do pensamento do aluno, vendo-o como algo coisificado, mero número sem sentimentos.

Estamos desejosos em conjuntura com o PIBID de não esquecer os conteúdos programáticos, mas sim, (re) significá-lo e redescobri-lo. Fazendo com que nossos educandos adentrem a ambiência escolar como um espaço de amorosidade, onde se acenda a fagulha da inquietude e tenhamos uma educação livre das amaras da escuridão presente na caverna de Platão.

### **Referências**

CALLAI, H. C (Org.). **Educação Geográfica: Reflexão e Prática**. Ijuí: Editora Unijuí, 2011.

CAVALCANTI, L. S. **A Geografia escolar e a cidade: Ensaio sobre o ensino de Geografia para a vida urbana cotidiana**. Campinas: Papirus, 2008.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 8. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 43. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

HARVEY, D. **Espaços de esperança**. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2004.

PLATÃO. **A República**. São Paulo: Editora Martin Claret, 2006.

QUINO, J. L. **Todo Mafalda**. Barcelona: Editora Lumen, 1992.

SANTOS, L. P. et. al. Caminhos da Geografia no PIBID – 2011. In: II Encontro Nacional das Licenciaturas e I Seminário Nacional do PIBID, 2011. Goiânia. **Anais eletrônicos...** Goiânia: UFG, 2011. Disponível em: <[http://www.prograd.ufg.br/uploads/90/original\\_GT06.pdf](http://www.prograd.ufg.br/uploads/90/original_GT06.pdf)>. Acesso em: 23 nov. 2012, p.59-62.

TREVISAN, A. L. **Terapia de Atlas: Pedagogia e Formação Docente na Pós-Modernidade**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.